

“FALANDO SOBRE AIDS: DEBATE E INFORMAÇÃO NAS RUAS, NAS PRAÇAS, NAS REDES”: RELATO COLETIVO DE UMA EXPERIÊNCIA DE EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA

“TALKING ABOUT AIDS: DEBATE AND INFORMATION ON THE STREETS, IN THE SQUARES, ON THE NETWORKS”: SHARED REFLECTIONS ON A UNIVERSITY EXTENSION EXPERIENCE

Mónica Franch¹

Luziana Marques da Fonseca Silva¹

Gabriel Cavalcante Bueno de Moraes¹

Akim de Paula Souza¹

Francisco Paulino de Oliveira Neto²

Lídia Marcelle Arnaud Aires¹

Mai Spellman Quirino de Farias¹

Willis da Silva Guimarães de Lima Júnior¹

¹Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, Paraíba, Brasil

²Universidade Federal de Pernambuco, Recife, Pernambuco, Brasil

RESUMO

Este artigo é um relato coletivo de experiências sobre o projeto de extensão “Falando sobre aids: debate e informações nas ruas, nas praças e nas redes”. O projeto é um desdobramento de ações e pesquisas desenvolvidas pelo Grupo de Pesquisas e Estudos em Saúde, Sociedade e Cultura (GRUPESSC/UFPB) desde 2008, que mostraram a urgência de ampliar o debate sobre o tema do HIV/aids para além do campo acadêmico e profissional especializado em João Pessoa e região intermunicipal. O projeto promove a troca dialógica e o debate qualificado sobre as dimensões subjetivas, sociais, culturais e políticas em torno da prevenção, vivência e convivência com o HIV/aids, na perspectiva dos Direitos Humanos, em especial nos Direitos Sexuais e Reprodutivos, de modo presencial e via rede social, *Instagram*. Desde 2020, desenvolvemos ações por meio de uma equipe interdisciplinar integrada por estudantes de graduação e pós-graduação, docentes e pesquisadores do campo antropológico, bem como da pedagogia, psicologia, direito, história, letras, serviço social e sociologia. Virtual ou presencialmente, falamos sobre aids na Universidade Federal da Paraíba, ecoando para além dela através de parcerias com redes locais, municipais, estaduais e nacionais para o desenvolvimento e participação em ações que visem à desconstrução do estigma em torno do HIV/aids. Ao refletir sobre essa experiência, defendemos, neste artigo, que pesquisa e extensão não são momentos nem atividades intrinsecamente diferenciadas, mas compõem o modo como, em antropologia, estabelecemos relações de longa duração em campo, que implicam no surgimento de redes e entrelaçamentos, acordos éticos, partilha de responsabilidades e engajamentos mútuos.

Palavras-chave: HIV/aids. Extensão Universitária. Direitos Sexuais e Reprodutivos.



Esta obra está licenciada sob uma licença Creative Commons Attribution-NonCommercial-ShareAlike 4.0 International License.

ABSTRACT

This article arises from the Extension project “Talking about AIDS: debate and information on the streets, in the squares and on the networks” which is an unfolding of actions and research developed by the Research and Studies Group on Health, Society and Culture (GRUPESSC/UFPB) since 2008, which showed the urgency of expanding the debate on the topic of HIV/AIDS beyond the academic and professional field specialized in João Pessoa and the intermunicipal region. Aiming to promote actions that go beyond the university walls, occupying spaces for debate and disseminating information on subjective, social, cultural and political dimensions around the prevention, experience and coexistence with HIV/AIDS, from the perspective of Human Rights, especially Sexual and Reproductive Rights in person and via social networks, *Instagram*. Since the first version (2020-2021), we have developed actions through an interdisciplinary team made up of undergraduate and graduate students, professors and researchers from the anthropological field, as well as pedagogy, psychology, law, history, literature and sociology. Responding to the health emergency situation of covid-19, we began our activities virtually, with an Instagram profile with several sections, live broadcasts and periodic publications. Returning to in-person activities, at the end of 2021 we began to develop activities on the streets, in squares, in schools, health services, among other scenarios. Virtually or in person, we talk about AIDS at the Federal University of Paraíba, echoing beyond it through partnerships with local networks, HIV/AIDS collectives, AIDS/NGOs, municipal, state and national, in addition to partnerships with health services, for the development and participation in actions that aim to deconstruct the stigma surrounding HIV/AIDS and that provide qualified information on preventing, living and coexisting with HIV/AIDS.

Keywords: HIV/AIDS. University Extension. Sexual and reproductive rights.

INTRODUÇÃO

Este artigo é um relato de experiências construído coletivamente sobre o projeto de extensão “*Falando sobre aids: debate e informações nas ruas, nas praças e nas redes*”. Iniciado no ano de 2020, o projeto dá continuidade a uma agenda de pesquisas e ações em torno da temática do HIV/aids desenvolvidas pelo Grupo de Pesquisas e Estudos em Saúde, Sociedade e Cultura (Grupessc), da Universidade Federal da Paraíba, desde 2008, que revelaram a urgência de ampliar o debate sobre o tema para além do campo acadêmico e profissional especializado. Os estudos realizados¹, em consonância com a literatura, mostraram que os avanços biomédicos para o manejo da infecção por HIV e para a prevenção da transmissão do vírus convivem ora com um silenciamento do tema na esfera pública, com a persistência do estigma em relação às pessoas que vivem com HIV/aids (Aggleton e Parker, 2021) e com o desconhecimento generalizado das formas de transmissão e dos meios de prevenção disponíveis, tudo isso em meio a uma crescente instabilidade nacional e mundial, impulsionada por governos de extrema direita e suas antiagendas em matéria de gênero e sexualidade (Agostino *et al.* 2019, além dos atravessamentos ocasionados pela recente experiência da pandemia de covid-19 (Cunha *et al.*, 2022;

Silva *et al.*, 2021; Silva, Oliveira Neto e Morais, 2022) e ataques ao direito à saúde (Galvão, Terto e Parker, 2025). Atravessamos uma fase complexa em relação à aids, ufanista quanto aos avanços biomédicos que anunciariam o “fim da aids” (Parker, 2015), ao mesmo tempo que desconhece as dimensões sociais e políticas em torno do HIV/aids, situação exige uma ação crítica e criativa de todas as pessoas que, desde diferentes posições, nos engajamos na luta contra a aids.

Partindo dessas reflexões, o projeto de extensão *Falando sobre aids* tem por principal propósito promover ações que ultrapassem os muros da universidade, abrindo e ocupando espaços de debate, disseminando informações e desenvolvendo diálogos qualificados sobre HIV/aids, na perspectiva dos Direitos Humanos, com especial foco nos Direitos Sexuais e Reprodutivos, colocando-se na esteira de experiências acumuladas no campo da mobilização social no campo do HIV/aids no Brasil (Seffner e Parker, 2016; Calazans, Parker, Terto Junior, 2022; Parker *et al.*, 2015). A perspectiva que adotamos privilegia as dimensões subjetivas, sociais, culturais e políticas em torno da prevenção, da vivência e da convivência com o HIV/aids, dimensões usualmente negligenciadas nos discursos públicos sobre o assunto, que, além de escassos, tendem a adotar abordagens estritamente biomédicas (Franch e Silva, 2019). Nesse sentido, situamos o projeto como uma ação no contrafluxo do vírus ideológico relacionado ao HIV/aids (Daniel e Parker, 2018), que continua sendo o principal desafio no enfrentamento à epidemia, a despeito dos muitos avanços nas formas de tratamento e prevenção hoje disponíveis.

O projeto *Falando sobre aids* é vinculado institucionalmente a dois departamentos de Ciências Sociais da UFPB, um no Campus I/João Pessoa e outro no Campus IV/Mamanguape/Rio Tinto, e é coordenado pelas professoras Mônica Franch e Luziana Silva. É um projeto interdisciplinar, integrado por estudantes de graduação e pós-graduação, docentes e pesquisadores de antropologia e ciências sociais, bem como dos cursos de pedagogia, psicologia, direito, história, letras e serviço social, incluindo colaboradores de universidades em outros estados brasileiros. A partir da diversidade de *expertises* e de interesses da equipe, e em diálogo com as demandas do campo, o *Falando* desenvolveu um conjunto de atividades que atualmente incluem: um perfil no *Instagram*, com a realização de *lives* e postagens em quatro quadros temáticos (Cine PositHIVo, Biografia PositHIVa, Letras PositHIVas, ONGs), além de postagens livres; atendimento psicológico emergencial com encaminhamento para serviços da rede pública; ações educativas (oficinas e rodas de conversa) em ruas, praças, escolas e serviços de saúde; bem como articulação com instâncias governamentais e não governamentais do campo HIV/aids, local e nacionalmente. Essas ações seguem o calendário acadêmico, no que diz respeito à seleção anual de bolsistas e voluntários, recessos e férias, e o “calendário da aids”, que todo ano culmina nas atividades do Dezembro Vermelho – mês alusivo ao HIV/aids e um “tempo forte” para todos os atores que circulam por esse campo.

Sabemos que, em antropologia, a linha que separa a pesquisa pura da pesquisa engajada é com muita frequência borrada, não apenas nas áreas ditas clássicas, como a etnologia indígena, mas também em outras temáticas como nos estudos de gênero, sexualidade, saúde e questões raciais. No campo do HIV/aids, especificamente, a participação de antropólogos e outros cientistas sociais na chamada “resposta brasileira ao HIV/aids” insere o conhecimento acadêmico em uma rede de ações que envolvem o diálogo com a sociedade civil organizada, com a gestão pública, com os profissionais de saúde e com as comunidades mais diretamente afetadas (ver, por exemplo, Parker *et al.* 2022). A extensão universitária pode, deste modo, atuar no sentido de tornar as pesquisas mais articuladas com uma prática engajada ou implicada (Nunes, 2014), o que responde à maneira como concebemos o processo de construção compartilhada do conhecimento no Grupessc (Neves e Nascimento, 2015).

A Constituição Federal de 1988 estabeleceu o famoso tripé ensino-pesquisa-extensão como pilar básico da educação superior brasileira. Essa determinação está em sintonia com a função social da universidade, conforme estabelecida no bojo da redemocratização brasileira, uma universidade que se importa com os problemas que assolam o país e busca contribuir no seu enfrentamento². Isso não impede, entretanto, que exista uma certa desvalorização da extensão universitária, frequentemente considerada “a prima pobre” das três áreas (Chianca e Carvalho, 2016, p.19; Rosa *et al.*, 2024). Essa desvalorização, entretanto, não tem impedido a expansão e fortalecimento de iniciativas de extensão universitária ao longo do país, que potencializam e diversificam as situações de ensino e promovem, também, mudanças significativas nas próprias práticas de pesquisa.

Este texto busca somar-se a essas iniciativas, trazendo a público a experiência do projeto de extensão *Falando sobre aids: debate e informação nas ruas, nas praças e nas redes*, em dois momentos: nas atividades on-line que tiveram início no período de isolamento social provocado pela pandemia de Covid-19; nas atividades presenciais, que apenas puderam ser iniciadas com o fim das restrições socio-sanitárias, após a ampla vacinação da população brasileira.

FAZER EXTENSÃO EM TEMPOS DE PANDEMIA: O “FALANDO SOBRE AIDS” NAS REDES SOCIAIS

O projeto *Falando sobre aids*, inicialmente denominado “Precisamos falar sobre aids”, foi submetido ao edital interno de projetos de extensão universitária (PROEX) da Universidade Federal da Paraíba, em 2019, com início previsto para o mês de abril de 2020. Naquele momento, somavam-se às inquietações e experiências decorrentes das nossas pesquisas anteriores uma experiência recente de participação em um projeto de extensão universitária coordenado por Benedito Medrado, do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal de Pernambuco, em

2017-2018, intitulado “Tecendo Redes: Promovendo a articulação de ações de vigilância, prevenção e controle das DST, HIV/aids e hepatites virais do Nordeste Setentrional (AL, PE, PB, RN e CE)”. Embora ao longo de nossas pesquisas já tivéssemos tido diversas experiências de participação em treinamentos em serviços de saúde, em eventos com usuários, gestores e ativistas, entre outras interações “fora dos muros” da academia, até então compreendíamos esses movimentos como “restituição” ou “devolutiva” ao campo (Ferreira, Fleischer, Ribeiro, 2024) e não propriamente como ações de extensão universitária. Nossas primeiras ações extensionistas específicas em HIV/aids³ ocorreram, portanto, no marco da participação no projeto *Tecendo Redes* na cidade de Rio Tinto, onde, em parceria com a ONG Cordel Vida, montamos uma tenda com informações e oferta de teste rápido (realizado pelos profissionais da ONG) e uma roda de conversa com alunos do Campus IV da UFPB.

Essas primeiras experiências foram adaptadas e ampliadas no projeto *Falando sobre aids* que, inicialmente, tinha o seguinte desenho metodológico:

Os métodos a serem utilizados no presente projeto baseiam-se fundamentalmente em duas lógicas de ação. Em primeiro lugar, serão realizadas ações de debate e divulgação de informações sobre prevenção, incluindo métodos e locais de testagem, acesso a insumos de prevenção e às novas tecnologias preventivas - PEP e PrEP. Entretanto, entendemos que não é apenas a prevenção que precisa ser focada e sim as questões ligadas a estigma e convivência com o HIV/Aids, razão pela qual buscamos trazer diálogos incluindo a história social da Aids e dando protagonismo aos sujeitos. Tais intervenções acontecerão de duas maneiras: como rodas de conversa, com apoio de material audiovisual (canais de YouTube de pessoas vivendo com HIV ou filmes abordando a temática) no caso de instituições e espaços fechados (UFPB, Hospital Clementino Fraga e Centro de Cidadania LGBT) e através de blitz informativas, junto à população LGBT, moradores de rua e usuários de drogas. A segunda lógica de ação busca, por meio da articulação entre movimento LGBT, profissionais de saúde e pesquisadores da área, pautar politicamente as dimensões sociais da epidemia, tais como o estigma e a discriminação, de modo a influenciar as ações de atendimento às pessoas vivendo com HIV/Aids e as políticas e ações preventivas (Franch e Silva, 2019).

Idealizado para ocorrer em espaços públicos, na dimensão face-a-face, o projeto precisou se adaptar rapidamente às novas condições impostas pela chegada da pandemia da covid-19, que afetou frontalmente a vida universitária, impedindo a continuidade das atividades acadêmicas presenciais. Nesse sentido, as primeiras ações do projeto acompanharam o processo de intensificação de uso de tecnologias e, especificamente, das redes sociais, que foi um importante desdobramento do fenômeno pandêmico mundo afora (Maluf, 2021).

Já em junho de 2020, abrimos um perfil com o nome @falandosobre aids na rede social *Instagram*, que é até hoje um dos nossos canais de comunicação com a sociedade. Nesses primeiros meses de funcionamento, marcados pela difícil tarefa coletiva de compreender o que era viver em meio a uma pandemia e a um pandemônio (Duarte, 2021), experimentamos um duplo desafio: o de nos apropriarmos de linguagens e ferramentas tecnológicas que desconhecíamos (e aqui o recorte geracional teve um papel fundamental, pois foram as pessoas mais jovens da equipe que trouxeram esses conhecimentos para o grupo); e o de definir *o quê*, exatamente, iríamos *falar sobre aids*. Depois de muitos debates, e a partir do interesse e área de expertise das diversas pessoas que compõem o projeto, construímos cinco seções ou “quadros” principais: *Cine Positivo*, *Biografia Positiva*, *Letras Positivas* e *Primeiros Cuidados*, aos quais posteriormente acrescentaríamos uma seção específica para a divulgação das ONGs que compõem o “mundo social da aids” (Valle, 2008) na Paraíba.

Desde sua emergência na década de 1980, o HIV/aids tem mobilizado o imaginário social e se traduzido em diversas linguagens artísticas, com destaque para o cinema, as artes cênicas, as artes visuais e a literatura (Bessa, 1997; Corrêa, 2024; Fonseca, 2020; Moraes, Moraes e Souza, 2022; Oliveira e Salles, 2015). Dois dos nossos quadros dão atenção a essas produções, produzindo reflexões sobre gênero e diversidade, protagonismo, direitos sexuais e reprodutivos, saúde e estigma, entre outras temáticas possíveis de serem suscitadas a partir dessas obras. O quadro *Cine Positivo* divulga produções audiovisuais (através de textos curtos, sinopses elaboradas por membros do projeto) relacionadas com a temática do HIV/aids, incluindo filmes comerciais e seriados disponíveis em plataformas de *streaming* ou (no caso dos filmes) em cartaz nos cinemas, documentários e outras produções artísticas e experimentais exibidas em festivais ou disponíveis em páginas de instituições governamentais e não governamentais. Além de procurarmos dar visibilidade à variedade de obras, desde as comerciais às independentes, passando por produções de cunho acadêmico, também buscamos dialogar com a história social da aids, a partir de produções lançadas em diversos momentos da epidemia ou que retratam, em seu tempo ficcional, vários desses momentos. Nesse sentido, é importante salientar que os anos 1980 e início dos 1990 ainda permanecem como um “tempo forte” para a produção audiovisual, o que exige uma atenção especial em relação aos possíveis gatilhos emocionais presentes nessas obras. Sem deixar de divulgar essas produções, nosso interesse é diversificar os olhares sobre o HIV/aids, para dar maior visibilidade a peças que retratam o tempo presente, com seus desafios e potencialidades, após décadas de avanços biomédicos no controle da infecção e de conquistas políticas e sociais em termos de garantia de direitos.

Já o quadro *Letras Positivas* tem como objetivo compartilhar textos literários nos quais a temática do HIV/aids esteja presente. Nesse sentido, privilegiamos autores e autoras que vivem ou viveram com

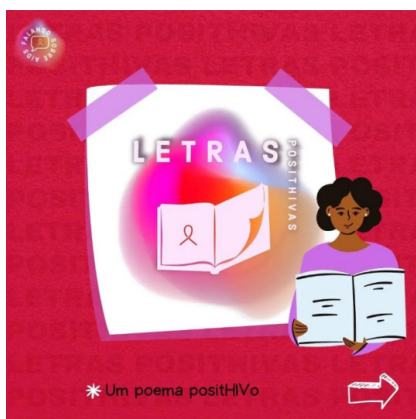
HIV e que, ao longo dos mais de 40 anos de história da epidemia, de alguma forma abordaram o tema em seus textos. Também aqui a temporalidade é um aspecto a se levar em consideração, e por isso assumimos a classificação comumente empregada na área que divide as obras em literatura pré-coquetel e literatura pós-coquetel, representadas por autores como Caio Fernando Abreu (pré-coquetel) e Marina Vergueiro (pós-coquetel). As publicações no *Instagram* incluíram uma introdução biográfica, uma contextualização literária e um momento artístico, no qual participantes do projeto realizaram leituras dramatizadas em formato audiovisual. Acreditamos que esta última se tornou uma forte ferramenta de aproximação entre nós, que compomos o projeto, as obras literárias escolhidas e as pessoas que seguem o nosso perfil (Moraes, Moraes e Souza, 2022).

Figura 1 - Perfil do projeto no *Instagram*.



Fonte: Dos Autores (2024)

Figura 2 - Quadro Letras Posithivas. Figura 3 - Indicação da obra *Pílulas Azuis*



Fonte: Dos Autores (2024)



Fonte: Dos Autores (2024)

No quadro *Primeiros Cuidados*, ofertamos escuta psicológica de maneira remota para as pessoas que ainda estão no processo de entendimento da sorologia positiva para o HIV. Dois psicólogos e uma psicóloga se revezam para atender as demandas através do atendimento individualizado e sigiloso. O atendimento envolve o acolhimento às pessoas vivendo com o HIV, além de esclarecimento de dúvidas e indicação de serviços para tratamento. Durante os dois primeiros anos da pandemia de covid, especialmente, o quadro *Primeiros Cuidados* atuou como um canal de escuta solidária, mas também como mediador para que as pessoas ouvidas buscassem o tratamento no serviço especializado.

Ao falarmos de uma pandemia que já tem mais de quarenta anos de existência, entrelaçando vidas, mortes, lutas e esperanças, a dimensão da memória se torna inescapável (Farias e Franch, 2024; Valle, 2018). O quadro *Biografia Positiva* foi pensado como uma forma de evidenciar e celebrar a vida de pessoas que foram essenciais para o progresso do ativismo em torno do HIV/aids na Paraíba e no Brasil. Também nesse quadro incorporamos as trajetórias biográficas das autoras e autores que protagonizam o quadro *Letras Positivas*. Nos quatro anos do projeto, passaram pelo *Biografia* ativistas como Brenda Lee, travesti que criou “a Casa das Princesas”, primeira casa de acolhida para travestis e mulheres trans expulsas de seus lares após se descobrirem pessoas vivendo com HIV; Herbert José de Souza, mais conhecido como Betinho, formador de opinião e ativista dos direitos humanos, que lutou contra a estigmatização das pessoas vivendo com HIV/aids e foi um dos fundadores da Associação Brasileira Interdisciplinar de AIDS (ABIA); Silvestre Gonçalves, um dos fundadores da RNP+ Brasil (Rede Nacional de Pessoas Vivendo e Convivendo com HIV/aids) e fundador da RNP+ na Paraíba; e Jaqueline Rôcha, mulher transexual que vive com HIV há mais de 20 anos, paraibana, que tem sua trajetória marcada pela luta no enfrentamento a processos de estigmatização, discriminação e preconceito à população LGBTTQIA+; além do escritor Caio Fernando Abreu e da escritora Marina Vergueiro. Divulgando a trajetória dessas personagens emblemáticas buscamos inspiração para a formação de uma sociedade mais igualitária e livre de estigmatizações.

Figura 4 - Postagem do quadro Biografia Positiva.



Fonte: Dos Autores (2024).

Por fim, o quadro ONGs destina-se à divulgação do perfil de organizações não governamentais que atuaram e atuam no campo do HIV/aids na Paraíba (Farias e Franch, 2024). Como já mencionado nas páginas anteriores, as parcerias firmadas com diferentes instituições e

grupos, no sentido de fortalecer mutuamente as nossas vozes e atingir os objetivos propostos neste projeto, têm sido importantes elos para que cumpramos o papel extensionista que propomos. O ativismo de pessoas que testemunharam e sentiram em seus corpos os efeitos da pandemia de aids é de fundamental importância para dar visibilidade à causa e conseqüentemente, para transformar o cenário e as percepções sobre a aids e o estigma que as acompanha. Assim sendo, interlocuções com Organizações Não Governamentais do nosso estado que pavimentaram um caminho para aquisição de direitos e observância dos mesmos são algumas das articulações externas que têm enriquecido as nossas ações e nos colocado diante de uma “história viva” da epidemia. A divulgação desses perfis no *Instagram*, portanto, é apenas uma parte de um diálogo contínuo e de atividades de colaboração permanentes entre o *Falando sobre aids* e essas instituições.

A primeira ONG/aids divulgada no nosso perfil foi o GAV – Grupo de apoio à Vida, criado em 1994 na cidade de Campina Grande, o que faz dela a primeira instituição do Estado da Paraíba a atuar especificamente com a temática do HIV/aids. Anterior ao GAV, o Movimento do Espírito Lilás (MEL), fundado em 1992 em João Pessoa, com eixo ativista voltado ao campo do direito à diversidade sexual, embora com uma atuação fundamental no enfrentamento à epidemia da aids, também teve seu perfil divulgado na nossa página. De atuação mais recente, o Centro de Orientação e Desenvolvimento de Luta Cordel Vida (também divulgado em nosso perfil) foi fundado em João Pessoa no ano de 2005, com o objetivo específico de lutar pelos direitos das pessoas vivendo com HIV/aids. Por fim, a APROS (Associação das prostitutas da Paraíba) tem uma relevância importantíssima nos movimentos sociais na Paraíba e, especificamente, no campo do HIV/aids. Foi fundada em 2001, e visa a luta pelos direitos das prostitutas; teve seu perfil também divulgado na nossa página. Outras instituições que ainda precisam ser divulgadas são: a Associação de Prevenção à Aids (AMAZONA), fundada em 1998, voltada para às profissionais do sexo; a União de Voluntários de Apoio a Soropositivo (UVAS), hoje desativada, que teve uma importante atuação no Hospital de referência Clementino Fraga, em João Pessoa; o Coletivo Feminista Cunha, fundado em 1990; a Ação Social Arquidiocesana da Paraíba-ASA, em 1996; e a também extinta Missão Nova Esperança-MNE, fundada em 2001, cujo eixo era crianças e adolescentes vivendo com HIV.

Ainda no *Instagram*, realizamos ao longo dos anos 2020 e 2021 diversas *lives* sobre temas ligados à prevenção e ao cuidado em HIV/aids - PrEP, saúde mental, infância, sorodiferença, literatura, entre outros -, promovemos e participamos de webinários e atividades acadêmicas on-line, além de atuarmos na divulgação de informações relevantes, muitas das quais chegam até nós graças à nossa articulação nas redes. Nosso perfil conta, atualmente, com 1.137 seguidores, que interagem conosco nas postagens e inbox. Entretanto, somos conscientes das

limitações de uma ação extensionista centrada nas redes sociais, em um país com enormes brechas digitais e especialmente quando pensamos nos grupos mais vulneráveis ao HIV. Nesse sentido, embora o *Instagram* continue sendo uma via fundamental de comunicação com a sociedade, ela não é mais a única.

DO VIRTUAL AO FACE A FACE: FALANDO NAS RUAS, NAS PRAÇAS E NAS INSTITUIÇÕES

As ações realizadas pelo projeto começaram a tomar outro caminho com as flexibilizações das medidas sanitárias e protetivas (como o uso de máscaras e o isolamento social) após a chegada da vacina contra o Sars-Cov-2 - que no Brasil foram iniciadas em janeiro de 2021. Entretanto, a nossa ida para o mundo presencial não ocorreu de imediato e sim de maneira progressiva tendo em vista que era necessário estruturar *o quê e como* iríamos estabelecer esse diálogo nas interações face a face. Somado a isso, a pandemia ainda não tinha terminado e era necessário pensar a nossa inserção em campo de maneira segura e planejada. Dessa maneira, ainda em 2021 começamos a circular por diversos espaços, privilegiando a articulação com diferentes atores, como a Secretaria de Saúde do Estado da Paraíba, a partir da Gerência Operacional de IST/aids e hepatites virais, o Fórum ONG/aids, a cena Ballroom em João Pessoa e a Secretaria Municipal de Saúde em Rio Tinto.

Figura 5 - Oficina para profissionais de saúde na cidade de Pedras de Fogo-PB



Fonte: Dos Autores (2023).

Já em 2022, tivemos reuniões presenciais e híbridas de planejamento, articulando as atividades a serem desenvolvidas durante o ano. Nessa nova fase, resolvemos investir na realização de *oficinas*, pautadas por uma metodologia participativa, voltadas a diferentes públicos. A primeira dessas oficinas, intitulada “No ateliê da SIDA (Síndrome da Imunodeficiência Adquirida)”, foi realizada em parceria com o projeto de extensão Cine

Trava – que é um experimento de corpos dissidentes do gênero e do sexo no campo cinematográfico, vinculado ao curso de graduação em antropologia da UFPB. O objetivo da oficina foi propor discussões e debates sobre saúde, cuidado, prevenção e sobre a relação do viver e conviver com o vírus do HIV/aids a partir de diferentes perspectivas e linguagens. Na ação, foram realizadas performances e interpretações de texto, além da construção de um cartaz-mural colaborativo entre todas as pessoas presentes. Foi a primeira vez que o grupo se colocou a prova na criação e condução de uma oficina, e fazê-lo junto a corpos dissidentes, historicamente construídas como perigosas em relação ao HIV/aids, criou um ambiente favorável para uma troca produtiva de experiências e conhecimentos.

De caráter mais informativo, mas não por isso menos dialógico, foram as oficinas de capacitação com profissionais de saúde (médicos/as, enfermeiros/as e agentes de saúde da atenção básica) que realizamos na cidade de Rio Tinto, na Paraíba, em parceria com a organização não governamental Cordel Vida. Para a preparação dessas ações, primeiro nos dirigimos até a sede da instituição e dialogamos longamente sobre os objetivos da nossa ação, chegando à compreensão de que as oficinas precisavam ser momentos de atualização em relação a ISTs, Prevenção Combinada e Hepatites Virais, mas sobretudo de sensibilização quanto à necessidade de acolhimento aos usuários diante de um tema tão marcado pelo preconceito. Quatro oficinas foram desenvolvidas no ano de 2022 junto a esses profissionais. Um aspecto que chamou nossa atenção foi o desconhecimento, por parte da maioria de participantes, de estratégias importantes de prevenção, como a Profilaxia Pré-Exposição (PrEP) e a Profilaxia Pós-Exposição (PEP), bem como a ignorância da relação entre indetectabilidade e intransmissibilidade (I=I). O fato de ter profissionais de saúde, na vida cotidiana com a população que procura a assistência básica, agindo com base a conhecimentos desatualizados corrobora com a ideia de que os avanços tecnológicos encontram obstáculos significativos para se efetivarem na prática, o que contribui tanto para a manutenção do estigma como para a perda de oportunidades de prevenção e tratamento. Na avaliação realizada com os profissionais ao término das oficinas, recebemos retornos muito positivos sobre a atividade por parte dos profissionais e da representação da Secretaria Municipal de Saúde. Vale salientar que tanto as oficinas com profissionais de saúde, com jovens universitários e, posteriormente, com estudantes de ensino médio, ocorreram na cidade de Rio Tinto, pois no município está lotado o Campus IV da UFPB, ligando-se a pesquisa em andamento sobre os desafios da descentralização da atenção em HIV na cidade. O trabalho conjunto entre extensão e pesquisa reforça a importância da escuta para o compartilhamento do conhecimento adquirido no campo de estudo e o retorno deste para a comunidade. Oficinas semelhantes foram conduzidas em 2023 no município de Pedras de Fogo junto a profissionais da atenção básica e com gestores municipais.

Além das oficinas, realizamos diversas *rodas de conversa*, de formato mais fluído. A primeira roda teve por título “*Falando na praça: palavras e ações contra o estigma ao HIV/aids*” e aconteceu na Praça da Alegria - no Centro de Ciências Humanas Letras e Artes (CCHLA) da Universidade Federal da Paraíba durante o Dezembro Vermelho de 2022. Nesta ocasião, dialogamos sobre os desafios e estratégias para responder à pandemia de HIV/aids a partir da experiência do projeto com o objetivo de mitigar os efeitos dos processos de estigmatização, discriminação e preconceitos direcionados às pessoas que vivem e convivem com HIV/aids. Há que se registrar que este momento consolida o título do projeto, tendo em vista que pela primeira vez ocupamos o espaço de uma praça desde o início do projeto de extensão. A roda foi mediada por estudantes de graduação, mestrado e doutorado, que compõem a equipe do *Falando sobre aids*. Um ano depois, também nas comemorações do mês de dezembro, fizemos uma nova roda de conversa, desta vez na sala de reuniões do CCHLA, com participação de representantes da gestão estadual, ativistas, profissionais de saúde de dois serviços especializados e pesquisadores. Na roda de conversa de dezembro de 2024, desta vez na praça do Centro de Educação da UFPB, a participação foi ampliada com mais ativistas, participantes do Fórum ONG/aids da Paraíba, pesquisadores da UFPB e de outras instituições, profissionais de saúde e estudantes. As rodas têm funcionado como momentos de encontro mas também (ou por isso mesmo), de confronto, em que emergem tensões constitutivas do campo – entre academia e (parte do) movimento, entre profissionais e usuários e, de forma mais evidenciada, entre movimento e gestão⁴.

Como já foi mencionado em várias ocasiões ao longo deste texto, as ações realizadas no marco do projeto *Falando sobre aids* ensejaram e fortaleceram diversas parcerias que haviam construídas ao longo da nossa trajetória de pesquisa. Parcerias com pessoas vinculadas a gestões estadual e municipais, com outros pesquisadores na área e com organizações não governamentais que atuam no campo do HIV/aids. Já descrevemos momentos de trabalho conjunto com o Cordel Vida, que continua sendo, até hoje, uma referência importante em nosso trabalho e no próprio campo de HIV/aids na Paraíba. Destacamos agora a parceria junto ao GAV – Grupo de Apoio à Vida, em Campina Grande, instituição da qual Maio Farias e Lidia Arnaud haviam participado como voluntários nos anos 1990 e 2000. A entrada desses dois pesquisadores na equipe do *Falando* trouxe uma aproximação a esta instituição que rendeu nossa participação no “I Treinamento Básico para Voluntários” em 2022, na qual realizamos uma apresentação sobre saúde mental. Mais recentemente, em 2024, nos juntamos à campanha do Fórum ONG Aids para a não fechamento da Casa de Apoio em João Pessoa.

No plano nacional, nossa principal parceria nesse período foi com a Associação Brasileira Interdisciplinar de Aids (ABIA), junto à qual realizamos diversas ações remotas no período pandêmico. Já em 2022,

realizamos em parceria o Seminário “Estigma como Barreira para Prevenção e Tratamento”, que ocorreu no mês de novembro na cidade de João Pessoa e em dezembro no Rio de Janeiro, com a participação das coordenadoras. Em João Pessoa, o evento contou com a presença de gestores, profissionais de saúde, ativistas, Organizações da Sociedade Civil, pesquisadores/as de diferentes universidades e pessoas vivendo com HIV/Aids. Também nos engajamos na campanha promovida pela Rede Nacional de Pessoas Vivendo com HIV/aids (RNP) #Casa, TARV e Cura Já, pela inclusão das pessoas vivendo com HIV/aids como população prioritária no programa Minha Casa Minha Vida.

Ao longo dos anos, estivemos presentes em diversos eventos referentes ao mês de dezembro, ou melhor, Dezembro Vermelho, significado assim por causa do dia 1, dia mundial de luta contra a Aids, um desses eventos que participamos foi organizado pela Gerência Operacional de Condições Crônicas e IST da Paraíba, em 2023, onde foi composta uma mesa que articulava a academia – projetos de pesquisa e extensão, pesquisadores e professoras – a sociedade civil – ONGs e OSC –, pensando as diversas frentes de lutas e promoção de debate e solidariedade.

Para além das atividades presenciais e aquelas desenvolvidas no *Instagram*, o *Falando sobre aids* alcança outros patamares quando pensamos nas divulgações e nos chamados para participar de entrevistas nas mídias tradicionais e em programas da televisão aberta. Em junho de 2022, um colaborador do projeto, psicólogo e doutorando em Sociologia (PPGS/UFPB), realizou uma entrevista no programa Mulher D+, da TV Correio de João Pessoa, em alusão ao dia do Orgulho LGBTQIAPN+, abordando questões sobre diversidade sexual, gênero e sexualidade. Também em 2022, no mês de dezembro, o projeto participou do programa Paraíba Comunidade, da TV Cabo Branco, em um quadro especial sobre os 40 anos da aids no Brasil, abordando, entre outras temáticas, a questão da aids na Paraíba, contando, também, com a participação do diretor do hospital Clementino Fraga. No mesmo mês, também em alusão ao dia do combate contra aids, as coordenadoras do projeto realizaram uma entrevista para o Globo Rural. O diálogo consistiu em ambas trazerem os impactos que a epidemia de HIV tem se colocado nos municípios interioranos que foram evidenciados através das pesquisas vinculadas ao projeto. Na entrevista, foi pontuada a urgência de criar um projeto para se falar sobre aids surgiu através de tais investigações realizadas, e perceberam uma necessidade de disseminar informações que auxiliam na resposta ao estigma.

Por conseguinte, é possível perceber que a partir da articulação com os movimentos sociais, com outros projetos de extensão e da ocupação de espaços públicos, o grupo vem trabalhando na contramão de um movimento estrutural de silenciamento de pautas relativas ao campo do gênero e da sexualidade - que é perceptível no Brasil e no mundo. Nesse processo, evidenciamos também o caráter coletivo da prevenção, do cuidado e da convivência com o vírus da imunodeficiência humana.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste relato, produzido coletivamente, partimos da experiência do projeto *Falando sobre aids* para discutir o modo como pesquisa, ensino e extensão, neste caso concreto, se entrelaçam, se complementam e se alimentam mutuamente, fazendo parte de uma relação de longo prazo envolvendo pesquisadoras e pesquisadores vinculados (de modo permanente ou temporário) ao Grupessc, em diferentes momentos de suas trajetórias acadêmicas, gestores das Secretarias de Saúde e de outros órgãos governamentais, do Estado e de municípios paraibanos, pessoas que vivem e convivem com HIV/aids, usualmente na condição de usuários dos serviços de saúde, ativistas, arthivistas e outros representantes da sociedade civil organizada, especialmente representantes de Organizações Não Governamentais (ONGs). Trouxemos, portanto, uma experiência relativamente curta, mas alicerçada em uma trajetória de quase duas décadas de diálogo e construção coletivas. Não estão aqui todos os que fizeram parte dessa construção, mas é importante destacar que sua contribuição faz parte dessa caminhada⁵.

Ao longo das edições do projeto tem se tornado cada vez mais evidente o amadurecimento em torno da nossa proposta de falar sobre aids. Se em um primeiro momento não sabíamos ao certo *o quê*, *o como* nem *com quem* falar sobre aids, um tema que nos mobilizou desde nossas pesquisas e engajamentos, com o tempo os diálogos foram acontecendo em várias direções, ampliando paulatinamente nosso repertório e nossas interlocuções. Muitas pontes foram criadas, alianças estabelecidas, metas alcançadas e mais pessoas envolvidas. A articulação redes-praças-ruas propiciou o estabelecimento de conexões com diferentes instituições, organizações e coletivos do campo do HIV/aids em nível local e nacional, a exemplo das atividades desenvolvidas em parceria com ONGs/OSCs aids e Secretarias Municipais de Saúde da Paraíba, os eventos organizados de forma conjunta com a Associação Brasileira Interdisciplinar de Aids (ABIA) e as interações na rede social. Todas essas ações evidenciam a importância de levar a sério a temática e apontam para as potencialidades do projeto na comunicação em saúde, tendo este sido contemplado com o Prêmio Elo Cidadão 2023, honraria concedida pela Pró-Reitoria de Extensão da Universidade Federal da Paraíba.

Apesar do impacto da pandemia de Covid-19, nos primeiros dois anos de funcionamento, o projeto se manteve em movimento e promovendo debates importantes, levando em consideração o cenário sanitário complexo e a produção de vulnerabilidades na dimensão dos Direitos Sexuais e Reprodutivos nas mais variadas populações. Nesse período foi possível perceber como a migração de grupos, pessoas e projetos para

as redes sociais se desdobrava em uma certa proliferação discursiva em torno do HIV/aids, aspecto que ainda precisamos compreender melhor. Se o que motivou o nosso projeto foi perceber o silenciamento em torno do HIV/aids, a pandemia da covid, devido ao estímulo à conexão digital, parece ter criado as condições para que falas que ecoavam de modo muito mais localizado pudessem agora se articular e amplificar seu alcance. Mesmo sabendo das limitações do mundo digital, essa é uma importante constatação advinda do projeto.

Com a retomada gradual das atividades presenciais, avaliamos que tanto as antigas propostas como as novas foram aprimoradas, modificadas e executadas. Os quadros no *instagram* foram mantidos, dando seguimento a ideia de falar sobre aids nas redes a partir de diferentes linguagens (literatura, performances, entre outras), mas conseguimos também desenvolver metodologias clássicas no campo da educação em saúde e nas intervenções sociais, como as oficinas e as rodas de conversa, que ainda não havíamos aprendido a desenvolver.

Novas perspectivas e formas de abordar a epidemia sempre estiveram em nosso esforço teórico-metodológico. Entendemos que os resultados positivos em torno da experiência do *Falando sobre aids* estão intrinsecamente atrelados à articulação ensino-pesquisa-extensão, tríade estruturante do ambiente universitário, que no nosso projeto funcionou como uma retroalimentação constante entre projetos de pesquisa individuais e coletivos, articulação com agentes sociais relevantes no contexto local e nacional, atualização acadêmica constante, desenvolvimento de habilidades comunicacionais, políticas e acadêmicas, e acompanhamento da agenda pública em torno do HIV/aids. Isso tem permitido um processo formativo qualificado entre discentes, docentes e a interação com a sociedade civil.

Na apresentação do livro *SoroposidHIVa: uma mulher na diáspora da Aids*, de Vanessa Campos (2023), Thiago Oliveira e Lucas Melo interrogam sobre como seria se somando números e estatísticas também pudessemos contar a história da pandemia da AIDS “a partir da escuta e da conversa, a partir das vidas transformadas pelo sentido e valor biopolítico e sociocultural que o HIV e a AIDS assumiram em nossa sociedade”. Acreditamos que o projeto *Falando sobre Aids* está contribuindo para esta nova escrita da história, ainda que modestamente, diante da grandeza e pormenores que ela comporta.

REFERÊNCIAS

AGGLETON, Peter; PARKER, Richard. **Estigma, discriminação e Aids**. 2ª ed. Abia: Rio de Janeiro, 2021.

AGOSTINI, Rafael. *et al.* A resposta brasileira à epidemia de HIV/AIDS em tempos de crise. **Ciência & Saúde Coletiva** [online]. 2019, v. 24, n. 12. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/csc/a/8kskKTq9StVQYtMxrwr4KL/?lang=pt>. Acesso em: 30 de maio de 2022.

BESSA, Marcelo Secron. **Histórias positivas: a literatura (des)construindo a AIDS**. Record, 1997.

CALAZANS, Gabriela; PARKER, Richard; TERTO JÚNIOR, Veriano. Refazendo a prevenção ao HIV na 5ª década da epidemia: lições da história social da Aids. **Saúde em debate** [Internet]. 2022;46 (spe7):207–22. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/0103-11042022E715>. Acesso em 29 de março de 2024.

CAMPOS, Vanessa. **SoroposidHIVa: uma mulher na diáspora da Aids**. Andarilha Edições, 2023.

CARVALHO, L; CHIANCA, L. Políticas e Campos da Extensão na Antropologia: uma apresentação. **Revista Áltera**, João Pessoa, v. 2, n. 9, p. 12-19, jul./dez. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/index.php/altera/article/view/51028/29655>.

CORRÊA, Salvador Campos. **Arte: um antirretroviral social**. Campos de Goytacazes/RJ: Encontrografia Editores, 2024.

CUNHA, Claudia Carneiro; STOCHERO, Luciane; ALMEIDA, Leonardo Aprígio; SILVA Jr., Aureliano Lopes; JUNGER, Washington Leite. Na encruzilhada de duas pandemias: a experiência de redes de apoio social de jovens e adultos vivendo com HIV/Aids durante a pandemia de Covid-19. **Physis: Revista de Saúde Coletiva**, v. 32(3), e320301, 2022.

DANIEL, Herbert; PARKER, Richard. A terceira epidemia: o exercício da solidariedade. In: **AIDS: a terceira epidemia**. Rio de Janeiro: ABIA, 2018.

DUARTE, André. **A Pandemia e o Pandemônio: Ensaio sobre a Crise da Democracia Brasileira**. 1. ed. São Paulo: Editora X, 2021. 171 p. (Filosofia e Política; v. 1). ISBN 9786588337080.

FARIAS, Maio Spellman; FRANCH, Mónica. Antropologia do ativismo: notas sobre memória e contemporaneidade do ativismo em HIV/aids na Paraíba. **Áltera- Revista de antropologia**, v. 2, p. e01807,-1-25, 2024.

FERREIRA, Jaqueline; FLEISCHER, Soraya; RIBEIRO, Fernanda Bittencourt. Reflexões e práticas sobre a restituição de dados de pesquisa e de extensão na Antropologia. **Áltera – Revista de Antropologia**, v. 2 n. 18 (2024)

FRANCH, Mónica. **Precisamos falar sobre aids: divulgando informações e enfrentando estigmas**. Projeto de extensão (Edital PJ278-2019), João Pessoa, Universidade Federal da Paraíba, 2019.

FONSECA, Franco W. Lima da. **Agora chupa essa manga - a cena pós coquetel**: interfaces da aids nas artes da cena. Dissertação (mestrado) - Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes. Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas, 2020.

GALVÃO, Jane; TERTO Jr., Veriano; PARKER, Richard. HIV: A trágica mas previsível crise mundial de recursos. **Outra Saúde**. Publicado 24/06/2025. Disponível em: <https://outraspalavras.net/outrasaude/hiv-a-tragica-mas-previsivel-crise-mundial-de-recursos>. Acesso em: 26 de jun. 2025.

MORAES, Isaque da Silva; MORAES, Gabriel Cavalcante Bueno de.; SOUZA, Akim de Paula. Letras PositHIVas: uma disseminação artístico-literária por meios digitais. In: FONSECA, Leandro Noronha; ANUNCIAÇÃO, Maurício Silva; ASSIS, Guilherme Alves de. **Cadernos Posit(HIV)os**: Aids, literatura e cultura em perspectiva. João Pessoa, PB: Sal da Terra, 2022. Disponível em: https://www.researchgate.net/profile/Thiago-Carvalho-Silva/publication/368716149_CULTURA_POSITIVA_HUMANIZACAO_DAS_PVHIV_POR_MEIO_DA_REPRESENTATIVIDADE_EM_NARRATIVAS_SERIADAS/links/63f6d48bb1704f343f74d2e3/CULTURA-POSITIVA-HUMANIZACAO-DAS-PVHIV-POR-MEIO-DA-REPRESENTATIVIDADE-EM-NARRATIVAS-SERIADAS.pdf#page=86. Acesso em: 25 jul. 2025.

MALUF, Sônia. Janelas sobre a cidade pandêmica: desigualdades, políticas e resistências. **Revista TOMO**, (38), 251–285, 2021. <https://doi.org/10.21669/tomo.vi38.14280>.

NEVES, Ednalva; NASCIMENTO, Pedro. Sobre o GRUPESSC: de uma perspectiva crítica sobre saúde, gênero e geração. **Áltera**: Revista de Antropologia, v. 1, n. 6, p. 24-36, jan. / jun. 2018

NUNES, Mônica de Oliveira. Da aplicação à implicação na antropologia médica: leituras políticas, históricas e narrativas do mundo do adoecimento e da saúde. **História, Ciências, Saúde – Manguinhos**, v.20, n.2, abr.-jun. 2013, p.653-673.

OLIVEIRA, Ismael Alves; SALLES, Eliciel Freire. Quando cinema e saúde se cruzam: o HIV/Aids em Yesterday. **ACENO**, Vol. 2, N. 3, p. 93-108. Jan. a Jul. de 2015.

PARKER, Richard. **O fim da AIDS?** Rio de Janeiro: ABIA, 2015.

PARKER, Richard *et al.* **Pedagogia da prevenção**: Reinventando a prevenção do HIV no século XXI. Rio de Janeiro: ABIA, 2015. Disponível em: https://abi aids.org.br/wp-content/uploads/2015/11/PolicyBrief_portugues_jan2016.pdf. Acesso em: 29 mar. 2024.

PARKER, Richard; FRANCH-GUTIÉRREZ, Mónica; SILVA, Luziana; MATIAS, Wertton; OLIVEIRA, Geissy; CARVALHO, Marcos; ALMEIDA, Vagner. Políticas de HIV/Aids, ativismo e antropologia: conversando com Richard Parker. **Saúde debate**, V. 46, N. Especial 7, P. 277-289, DEZ 2022

ROSA, Marinês; SCHWADE, Elisete; LIMA BONETTI, Aline.; ELISA ALENCAR, Alexandra. Sankofa, o movimento de estender e aprender: extensão feminista diante da cultura científica de gênero. **Vivência: Revista de Antropologia**, [S. l.], v. 1, n. 63, p. 17–43, 2025. DOI: 10.21680/2238-6009.2024v1n63ID35809. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/vivencia/article/view/35809>. Acesso em: 26 jun. 2025.

SCHWADE, Elisete; GROSSI, Miriam. Extensão universitária em gênero e diversidades: experiências e desafios. **Vivência: Revista de Antropologia**, [S. l.], v. 1, n. 63, p. 10–16, 2025. DOI: 10.21680/2238-6009.2024v1n63ID39497. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/vivencia/article/view/39497>. Acesso em: 26 jun. 2025.

SEFFNER, Fernando; PARKER, Richard. Desperdício da experiência e precarização da vida: momento político contemporâneo da resposta brasileira à aids. **Interface - Comunicação, Saúde, Educação**, v. 20, n. 57, p. 293–304, abr. 2016.

SILVA, Luziana; FRANCH, Mónica; OLIVEIRA NETO, Francisco; MATIAS, Wertton. Jogos de espelhos? Pensando sindemicamente o HIV/aids e a covid-19. In: **Compartilhando saberes: etnicidade, saúde e produtividade acadêmica em tempos de pandemia**. João Pessoa: Editora do CCTA, 2021, p. 141-162.

SILVA, Luziana; OLIVEIRA NETO, Francisco; MORAES, Gabriel. Interações sinérgicas entre o HIV/aids e a covid-19: a descentralização do cuidado em HIV/aids na atenção básica em Rio Tinto (Paraíba). **Áltera**, Número 14, 2022, e01403, p. 1-25

VALLE, Carlos Guilherme. Apropriações, conflitos e negociações de gênero, classe e sorologia: etnografando situações e performances no mundo social do HIV/AIDS (Rio de Janeiro). **Revista de Antropologia**, v.52, n.2, 2008, p.651-658.

VALLE, Carlos Guilherme. Memórias, histórias e linguagens da dor e da luta no ativismo brasileiro de HIV/Aids. **Sexualidad, Salud y Sociedad - Revista Latinoamericana** n. 30 - dic. / dez. / dec., pp.153-182, 2018.

NOTAS

- 1 Dentre eles, destacamos: Casais soro-discordantes no Estado da Paraíba: Subjetividade, práticas sexuais e negociação de risco (2008-2011); Sorodiscordância entre casais gays em João Pessoa: conjugalidade, práticas sexuais e negociação de risco (2010-2013); Fases e faces do HIV/Aids na Paraíba: Um estudo antropológico sobre as novas tecnologias de prevenção e tratamento (2018-2019); Os desafios da descentralização da atenção em HIV/AIDS na Estratégia de Saúde da Família em Rio Tinto/PB: territorialidade, estigma e vulnerabilidades (2018-2024) e Práticas, desafios e estratégias de profissionais de saúde e usuários/as de serviços de referência em HIV/aids em meio às novas biotecnologias de prevenção (carga viral indetectável e PrEP) (2022-2025).
- 2 Para uma atualização sobre a extensão universitária, recomendamos a leitura do dossiê organizado por Elisete Schwade e Miriam Grossi publicado no número 63 nesta mesma revista, especialmente a introdução escrita por ambas as autoras (Schwade e Grossi, 2024).
- 3 Ambas as coordenadoras já tinham experiências prévias de extensão em outros projetos – Mônica Franch no projeto *Diversidade sexual e direitos humanos na Paraíba: novos olhares e ações entre movimento sociais, agentes públicos e universidade*, com Silvana Nascimento, e Luziana Silva no projeto *Partejar: rodas de conversas sobre sentidos, experiências e práticas da parteria indígena potiguara*, em parceria com diversas docentes da UFPB.
- 4 A ameaça de fechamento da Casa de Apoio, ligada à Arquidiocese da Paraíba, foi um dos motivos dos confrontos e da mobilização dos atores do campo em 2024.
- 5 Não podemos deixar de mencionar Artur Perrusi e Fátima Araújo, cofundadores do Grupessc, Marcia Longhi e Jeanne Félix, colaboradoras das primeiras edições do projeto, nossa primeira bolsista do projeto, Ayira Benvenutty, os colaboradores Isaque Moraes, idealizador do Letras Positivas, Jannine Diniz e Jonas Santos que, junto com Maio Farias, idealizaram e implementaram o Primeiros Cuidados.

Mónica Franch

monicafranch@gmail.com

Professora do Departamento de Ciências Sociais, membro do Programa de Pós-Graduação em Antropologia e do Programa de Pós-Graduação em Sociologia, da Universidade Federal da Paraíba. Doutora em Antropologia pela Universidade Federal do Rio de Janeiro.

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-3845-3841>

Luziana Marques da Fonseca Silva

luzianas@gmail.com

Professora do Departamento de Ciências Sociais do Centro de Ciências Aplicadas e Educação, da Universidade Federal da Paraíba. Doutora em Sociologia pela Universidade Federal da Paraíba.

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-6596-2636>

Gabriel Cavalcante Bueno de Moraes

gc.cavalcante2@gmail.com

Mestrando em Antropologia no Programa de Pós-Graduação em Antropologia. Membro do Grupo de Pesquisas e Estudos em Saúde, Sociedade e Cultura (GRUPESSC/UFPB).

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-3429-0021>

Akim de Paula Souza

akimpsouza@gmail.com

Graduando em Ciências Sociais no Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, da Universidade Federal da Paraíba.

ORCID: <https://orcid.org/0009-0008-5962-2572>

Francisco Paulino de Oliveira Neto

francisco.oneto@ufpe.br

Mestrando em Antropologia no Programa de Pós-Graduação em Antropologia. Membro do Grupo de Pesquisas e Estudos em Saúde, Sociedade e Cultura (GRUPESSC/UFPB).

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-1149-0685>

Lídia Marcelle Arnaud Aires

lidiaarnaud@gmail.com

Doutoranda em Antropologia no Programa de Pós-Graduação em Antropologia, da Universidade Federal da Paraíba.

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-8710-0781>

Maio Spellman Quirino de Farias

msqf@academico.ufpb.br

Psicólogo, Especialista em Psicologia social, Doutor em Antropologia pelo Programa de Pós-Graduação em Antropologia. Membro do Grupo de Pesquisas e Estudos em Saúde, Sociedade e Cultura (GRUPESSC/UFPB).

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-7863-4511>

Willis da Silva Guimarães de Lima Júnior

willissuxx@gmail.com

Graduando em Ciências Sociais no Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, da Universidade Federal da Paraíba.

ORCID: <https://orcid.org/0009-0008-8016-473X>